ANNO 4.º — Sexta-feira, 24 de Março de 1911 — NUMERO 162

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias) . . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . . . 600 réis
Brazil (anno) moeda forte . . . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . . . 20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR e editor — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS

Por linha. . . . . . 40 réis
Communicados . . . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

PROTESTANDO

Com uma fecundidade digna de registo, continua o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, enchendo columnas sobre columnas no dia, rio *O Porto*, nas quaes aprecia exclusivamente, sob o seu modo de ver, os factos e as cousas que na epocha presente, se iniciam e desenrolam dentro da politica portugueza.

O sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, por quem nutrimos a maior consideração, indiscutivel sob o ponto de vista moral, poderia, com o seu talento, illustração e intelligencia ser um dos poucos que brilhantemente acompanhariam a evolução politica, em geral, marchando na vanguarda dos demolidores de preconceitos, em absoluto antagonicos com o nosso tempo.

Não exigiriamos que s. ex.ª attingisse as proporções d'um anarchista d'acção, nem se fizesse reconhecer pela defeza dos seus principios ultra-avançados, como um acrata cuja presença fosse tomada á conta d'um perigo immediato para os seus semelhantes, nem tão pouco um atheu que, com as suas blasphemias e heresias, mantivesse em constante provocação, com pavor dos povos, as iras celesteaes.

Nem Ravachol, nem conde de Samodães!

Entre estes dois extremos poderia s. ex.ª occupar um logar de destaque no progresso politico, que, já agora, nenhuma força pode evitar, nem dentro da propria Hespanha sanguinaria e retrograda, até á despota e barbara Russia.

E' certo que n'esses paizes, como em outros, apezar de representarem um anachronismo á marcha triumphal da humanidade, o progresso avança morosa, lentamente, esmagado e difficultado por todas as formas, que a reacção e o retrocesso criam e inventam á medida das necessidades de momento.

A lucta tem sido cruenta, gigantesca e ha seculos.

Mas o progresso avança, a sciencia triumpha, a liberdade conquista, O facto, porém, que referimos não é esporadico.

Outros homens não menos talentosos que s. ex.ª, possuidores de eguaes qualidades, fazendo a apologia da liberdade e do progresso, nas suas palestras e até nos seus escriptos, são porém, na sua acção e no impulso pratico e productivo que poderiam dar e prestar, de facto, á liberdade e á democracia que enaltecem, seus verdadeiros inimigos!

Estranhas psychologias!

Dizemol-o com magua!

Saturado, porém, de conservantismo e de receio por o que seja avanço e transformação radical, s. ex.ª, a dentro da propria monarchia, retrocedeu, estando nos arraiaes do grupo e com os homens mais ferozmente retrogrados, que a serviram. quando ella cahia e se esphacellava miseravelmente aos primeiros embates da revolução.

E' infelizmente um facto.

E tendo já s. ex.ª escripto na imprensa local, que parece ter abandonado, sobre as instituições presentes, aconselhando-as a que não acceitassem aquelles que tentariam no futuro o commettimento de actos criminosos e condemnaveis, identicos aos praticados no passado, mas devendo receber sem a classificação ironica de *adhesivos*, os que por diversas razões vinham offerecer-se-lhe; que, se não tinham sido adeptos não foram, todavia, inimigos; s. ex.ª, que apparentava com esta orientação, pelo menos, uma *benévola espectativa*, arma-se, porém, de subito com toda a sua eloquencia e no artigo contra o qual protestámos no nosso editorial do passado numero, desfecha contra o governo as mais amargas e immerecidas apreciações, e não contente com isso, endereça-lhe n'um outro a que chamou — *balanço de virtudes* — inserto no referido diario portuense, os maiores sarcasmos e duvidas a proposito da missão do governo na parte respeitante ao apuramento d'essa serie extraordinaria e unica de toda a especie d'abusos commettidos pelas diversas administrações monarchicas, cheganda até, na sua ancia de critica e de despeito, a entrar n'um campo, digamos assim, de verdadeira desorientação.

Um dos mais brilhantes diarios da capital—*A Lucta*—recomendou a s. ex.ª, a esse respeito, um pouco de tranquilidade para aguardar o resultado das desinfecções que se estão fazendo a todos esses esterquilinios.

S. ex.ª, porém, convenceu-se que a grandeza d'esse apregoado rol de escandaleiras se limitou a dois ou tres, que numéra, com uma encantadora simplicidade e n'um tom de convicção que nos impressiona!

E quaes são elles?

Dil-os s. ex.ª:

> «Não tem proseguido com a actividade dos primeiros tempos da Republica o balanço das miserias do antigo regimen. Publicou-se o relatorio da syndicancia á Casa da Moeda, publicaram-se as contas do porteiro de uma das repartições do ministerio da fazenda, apontaram-se aqui e além desvios e irregularidades em casos isolados, mas essa torrente de escandalos cujas reprezas estavam prestes a abrir-se para edificação das gentes afinal perdeu-se, não se sabe se por extrema porosidade do terreno que a bebeu, se porque na realidade só em imaginações muito exaltadas tivesse existido e nunca a terrivel vasa se soltou pela simples razão de que a não havia.»

E n'este punhado de palavras julgou enumerar, limitando, os velhos peccados do regimen, deixando ver, todavia, n'ellas e nas que se lhe seguem, transluzir o seu amor ao passado, que cahiu, com todos os seus erros, com todas as suas velharias, incompativeis com o sol redemptor da Liberdade que aquece e acalenta a humanidade, no seculo que decorre.

Cêdo esqueceu s. ex.ª as instancias do partido republicano no parlamento monarchico, pedindo e batalhando para que dessem conta, á nação, das fabulosas quantias illegal e criminosamente desviadas dos cofres publicos, para satisfazer a voracidade insaciavel do rei e da sua familia e até dos seus aulicos e servidores, e do que, cavilosa e falsamente, João Franco imaginou, n'um momento d'audacia, que tem animado dezenas de bandidos de toda a especie, embair o paiz, apresentando-as com o maior descaro, chegando a consignar como pagamento ao estado, fazenda, que do estado era!

Na grandeza terrivel da sua nudez e plenitude de toda a verdade, essas contas hão-de apparecer e s. ex.ª esqueceu incluil-as na sua confissão.

E' um compromisso dos republicanos e s. ex.ª sabe que estes nunca faltaram á sua palavra.

Por nós fallamos.

Hão-de seguir-se depois as famosas contas da não menos famosa viagem do desditoso principe, ao sul da Africa.

Essas contas, o antigo chefe de s. ex.ª, tambem as *resumiu* no *Diario do Governo*. Foi um de aquelles fingimentos d'excessivo escrupulo d'administração e de puritanismo porque elle se queria fazer passar, mas que a realidade dos factos em curto praso se encarregou de desmentir.

Os 19 contos descriptos, não chegaram para o pagamento dos telegrammas que durante a viagem se trocaram com a côrte e o governo!

Sabe s. ex.ª que só o *batuque* que se realisou, a titulo de simples distracção para sua alteza, custou 81 contos! De facto custou, porque os cofres publicos os dispenderam, mas s. ex.ª admitte como todos nós, que a maior parte d'essa importancia ficou na posse dos dedicados servidores do rei, do paço e do... governo!

No emtanto, o prototypo da honradez, o salvador da patria, *sem confecção*—o famoso chefe politico de v. ex.ª, o celeberrimo estadista João Franco, dizia á nação que só custára 19 contos (um pau por um olho!) a viagem scientifica e proveitosa do real pimpolho!

Ora não conclue v. ex.ª na sua confissão est'outra *moralidade* do regimen e que tambem deve vir a lume a seu tempo. E' um compromisso dos republicanos e v. ex.ª sabe que estes nunca faltaram á sua palavra...

Por nós fallamos!

Sabe tambem v. ex.ª que a Republica Portugueza conta cinco mezes d'existencia e vingou cercada d'este mar magno de podridão e de lama.

Nomearam-se com a promptidão possivel commissões e individualidades para apurar e pôr cobro a crimes e a abusos.

Sabe s. ex.ª que se estão syndicando quasi todas as thesourarias e secretarías dos ministerios, diversas direcções geraes, Casa da Moeda, Imprensa Nacional, Credito Predial, Casa Pia, juizo d'instrucção criminal, onde affirmam se terem sumido na voragem do... bolso do respectivo juiz cerca de quatorze contos, o épico e famoso porteiro, etc., etc., etc.

Exigir que toda esta monumental tarefa se execute, liquide e appareça, com a rapidez d'uma mutação de scenario á vista do espectador, é uma verdadeira desorientação, por quanto, não serão esses trabalhos, certamente, trabalhos do estojo, verdade e... facilidade das contas do ex-presidente do conselho e antigo chefe politico de v. ex.ª o celebre João Franco!

Diz mais v. ex.ª:

> «Escandalos d'este genero são o peccado vulgar de todos os governos, de todo este machinismo complicado de absorção e repartição da fortuna dos povos, a que se chama administração publica, e é por todo o mundo fonte abundante de dissipação publica. Onde é a terra eleita que os não tem? Não os teve a Inglaterra na guerra do Transwal? Não os teve a Allemanha em processos ruidosos que se decidiram nos tribunaes? Não os presenceou ha pouco a França no regabofe da liquidação dos bens das congregações religiosas e em murmurios vagos, mas persistentes de grande desgraça na administração da marinha de guerra?»

Até na Russia, ex.^mo^ sr., apezar de todo o seu barbaro despotismo, a nobreza *limpou* milhares de *rublos* na administração da cruz vermelha, durante a guerra com o Japão e ainda ha dias dentro do *sagrado* vaticano um sobrinho d'um cardeal lhe falsificou a assignatura e lhe *bifou* milhares de libras.

Mas esqueceu-se v. ex.ª, como resposta illucidativa ás suas perguntas e aos seus leitores, dizer lhes que todos esses crimes foram punidos, castigados com todo o rigor da lei, os responsaveis.

N'este desgraçado paiz, que viamos nós? Por cada novo roubo descoberto, nova venéra para o ladrão!

Por esta e por muitas outras razões, nem deveria v. ex.ª perguntar *se a repetição dos factos não envolve a demonstração de factores immutaveis!*

Deus nos accuda, ex.mo sr.

Esses factores immutaveis existiam, e por bom signal bem immutaveis, mas dentro da monarchia, terreno onde elles pullulavam e se multiplicavam!

Mas a monarchia cahiu, morreu, ex.mo sr.!!!

Rodrigo Rodrigues, *havendo-lhe sido absolutamente impossivel, por falta de tempo, como desejava e devia, agradecer pessoalmente a todas as pessoas que o honraram com a sua visita, bem como ás que, por varias outras formas o teem penhorado com o testemunho da sua sympathia, vem, por este meio, rogar-lhes se dignem desculpal-o da involuntaria demora, protestando atenuar na medida do possivel, tão sensivel falta.*

Aveiro, 20 de março de 1911.

Coisas & tal

A situação

Não haja duvidas. Elementos perturbadores da ordem tramam contra as instituições republicanas, agitam, empregam os maiores esforços para difficultar a marcha triumphante da Republica.

Não é outra coisa a tentativa da gréve geral abortada em Lisboa; demonstra-o exuberantemente a detenção, em Lamego, de varios conspiradores que, sob a inspiração do major reformado Vieira de Castro, tratavam de aliciar gente, sobretudo militares, para uma revolução monarchica. Patriotas até ahi!...

Pois bem. Ao governo compete tomar, a sério, conta d'este assumpto, que é grave e póde d'um momento para o outro ser causa de cumplicações que redundem na perda da nossa autonomia.

Em nome da integridade da Patria reclama-se o castigo dos agitadores, para quem não póde haver, creia-o o governo, o mais pequeno perdão no momento critico que atravessamos.

Tem de ser

Ao que parece, o sr. dr. Diniz Severo, digno administrador do concelho, está nas melhores disposições de pôr cobro á especulação desenfreada e ignobil que por parte dos discipulos de S. Cypriano, ahi se tem feito e está fazendo entre o povo das aldeias e mesmo da cidade, constando-nos que elementos de sobra já abundam para que não fiquem impunes verdadeiros crimes conscientemente praticados por essa gente e contra os quaes já em tempo nos revoltámos sem que, comtudo, fossemos attendidos.

Ande-me com elles, dr. Diniz. Prove á bruxaria indigena que acima do S. Cypriano outro poder mais alto se levanta, que é o poder da justiça á ordem da qual devem ser mettidos na cadeia todos quantos leem e fazem obra pela cartilha...

De raça

Em Agueda ha um chronista do jornal dos srs. Mellos que, embirrando com tudo e todos que não sejam da egrejinha da familia previlegiada, não póde levar á paciencia a sua rebeldia, pelo que não só lhes chama *invejosos* como, além d'este, outros nomes feios, appelidando até esse conjuncto de rebeldes de *bloco do odio*, para mais os estigmatisar, intrigar com a opinião publica e por conseguinte desprestigiar perante essa mesma opinião que, com os olhos mais abertos do que até aqui, vae conhecendo quem são aquelles que, com sinceridade, lhe incutia a bôa doutrina, fazendo os possiveis por arrancar o paiz do profundo abysmo em que estava prestes a soçobrar. Uma mania como outra qualquer, que certamente lhe hade passar com o tempo ou então á força de ouvir as *discursatas* do padre capellão do 24, que é, convença-se d'isso o chronista, não *um palhaço de feira com a cara pintada a vermelhão e graxa de sapatos*, mas um padre sem ter em si inoculada a hypocrisia, um orador que diz verdades, que tem consciencia do que préga e não faz cerimonia do que sabe.

Embora isso peze a muita gente nós vamos caminhando sem nos cançarmos muito e decerto não será o chronista do *orgão soberano* d'Agueda, com os seus escriptos, que nos ha-de impedir a marcha.

Sempre ha cada um...

Maldade e estupidez

Alguns jornaes teem publicado varios documentos para a historia do trama descoberto no Rio de Janeiro contra a Republica portugueza, pelos quaes se avalia bem da illustração dos *commendadôs di lá* que faziam parte do *complot* dirigido pelo famigerado *scroc* Arthur Veiga ou Arthur Vasconcellos Veiga de Faria, como pomposamente se intitulava e que tão tristemente fracassou pelo internato d'este no Limoeiro, á sua chegada a Lisboa. Assim, veja-se, por exemplo, a fórma do juramento escripto pelos differentes membros do *complot*, a principiar pelo Arthur Veiga, que diz:

> «—Por livre e expontanea vontade e no gozo das minhas faculdades, juro cumprir com as determinações que me impuzeram de chefe do movimento revolucionario, garanto ser protector de todos quantos seguirem o meu plano revolucionario, irei até ao sacrificio, para livrar de perigos os aliciados, promettendo em tudo segredo absoluto e levar a effeito a minha missão, sob pena de o não cumprimento, responder com a vida —*Arthur de Vasconcellos Veiga de Faria.*»

A seguir o do conspirador Candido Gonçalves, com todos os pontos e virgulas:

> «—Por livre e ispontania bontade e no poleno uso das minhas faculdades juro conprir com as determinações que me impozeram o *complot* da contra Revolução, prometendo guardar absoluto sigredo e levar a Efeito a missão que me imcumbir, sobre penna de reponder com a vida quando a tol folte—*Candido Gonçalves.*»

E ainda o do Manuel Coelho, que parece discipulo do antecedente:

> «—Por livre e espontannia vontade i no palanano usso das minhas Faculdades Juro comprir com as determinações que me em pozeram O Complot a Contra Revolução Prometendo Guardar abeseluto segredo, e levar a efeito a missão de que me emconbir, sobre a pena de respender com, a vida coando a tal falte,—*Manuel Coelho Alves Ayra.*»

Como azemolas, salvo o devido respeito pelo nosso *Rainha*, são completos estes conspiradores monarchicos do Rio, sem deixarem, contudo, de ser maldosos. Se não fosse a segunda parte, reveladora dos mais baixos sentimentos de amor patrio, até nem pediriamos para elles castigo algum. Bastava que os atrelassem a uma carroça... do lixo.

"Correio da Feira,,

Era um jornaleco que se publicava na villa do mesmo nome e que a auctoridade superior do districto acaba de supprimir devido aos desmandos de linguagem que se permittia usar em desabono da Republica e do ministerio provisorio.

Vae ser, tambem, chamado aos tribunaes.

G. P. M. D.

Reune no proximo domingo, ás 8 e meia horas da noite, no logar do costume.

Assumpto importante.

O CULTO EXTERNO

Dimanada do governo civil d'este districto, acaba de ser enviada a todos os administradores dos concelhos a seguinte circular, que é bom seja tambem conhecida do publico:

Para os devidos effeitos communico a V. S.ª o texto da circular do Conservador Geral do Registo Civil, de 18 do corrente, abaixo transcripto:

> Sendo conveniente definir, com precisão, os preceitos do decreto de 15 de fevereiro ultimo e as disposições da recente lei do registo civil de 18 de fevereiro do corrente anno, relativamente ás manifestações do culto externo fóra dos templos, cemiterios e logares vedados, cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.ª que a prohibição dos actos do culto externo está subordinada ao principio da liberdade de crenças, que deve, acima de tudo, fazer-se respeitar e a necessidade governativa de evitar luctas passionaes de religião, que perturbem a ordem pubiica.
>
> Até para assegurar o respeito de cada religião é preciso que ella, cá fóra, não possa ser desacatada por quem a não professe. Mas em toda a parte, onde, pela força dos costumes arreigados no espirito da população, as manifestações do culto externo não corram esse perigo, fica ao prudente arbitrio da auctoridade administrativa o permitil-as, concedendo para esse fim a devida licença por escripto.

Pelo que diz respeito a este districto, sendo a sua população quasi exclusivamente catholica, mas sem espirito intolerante e antes absolutamente liberal, convem que as auctoridades não contrariem as manifestações exteriores do culto, desde o momento que nada tenham a receiar pela segurança, liberdade ou sanidade publicas, ou outro motivo dignamente attendivel, que o bom senso das auctoridades administrativas deve ponderar.

Estas manifestações exteriores do culto poderão ser supprimidas, desde já, em algumas localidades sem que n'outras tal convenha fazer-se sem previa preparação, afim de que a attenção do povo não possa ser lograda por quem quer que lhe faça vêr n'uma lei, que só visa a manter e regular a liberdade de cultos e crenças, precisamente o inverso d'isso mesmo. Para apurar isto, convem que as auctoridades administrativas se entendam com os parochos, fixando, com o maior criterio, quaes as exterioridades de culto que podem ser consentidas, mesmo sem previa e particular participação ou pedido, cortejos funebres, viatico, etc., independentemente da sancção a que sempre ficam sujeitas da auctoridade civil.

Como quer que seja, cabe a todas as auctoridades administrativas garantir a maior liberdade a todos os cidadãos em materia de religião e crenças, fazendo com que, mantendo-se cada um dentro da sua esphera legal, não possa impôr a outrem testemunho de respeito ou veneração por crença que não possue ou, pelo contrario, que quem quer censure, amesquinhe, zombe, ou altere a ordem de cerimonias religiosas, realisadas em recintos proprios ou legalmente toleradas, e que, por isso mesmo não possam offender o espirito livre dos cidadãos, nem prejudicar a vida activa das populações.

Saude e Fraternidade.

Governo Civil de Aveiro, 21 de março de 1911.

O Governador Civil,

Rodrigo Rodrigues.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

Vida militar

Está sendo anciosamente esperada, a publicação do novo plano de uniformes do exercito.

A demora na resolução de este assumpto, que á primeira vista parece destituido de importancia, está preoccupando a attenção tanto dos officiaes da nossa guarnição, como de todo o exercito, pelos graves transtornos que póde occasionar a quem tem uma necessidade absoluta de se fardar.

Na imprensa da capital tem sido publicadas cartas de varios officiaes, manifestando a sua opinião sobre tão palpitante assumpto, e quasi todas ellas, vão de encontro á adopção de espalhafatosos uniformes, que poderão fazer salientar aquelles que nas ruas de Lisboa se preoccupam muito com a elegancia da sua pessoa, mas que ferem profundamente a vida economica da maior parte, que apenas vive dos seus modestos vencimentos.

Alguns jornaes teem affirmado que o illuste ministro da guerra, ponderando a verdadeira situação dos nossos officiaes,se oppunha á escolha de uniformes espaventosos; outros, julgando-se melhor informados, publicam já a escolha feita pela commissão nomeada para esse fim, indicando,como ponto assente, o uso do casaco cintado para substituir o dolman de grande uniforme, e asseveram que as diversas armas e serviços terão uma côr distinctiva, *cabendo*, á infanteria, a cinzenta.

Não sabemos se o facto de ter *cabido* á arma de infanteria a côr cinzenta, foi obra da sorte; se foi, não a felicitamos.

Seja, porém, uma ou outra côr, escolha-se o barrete á franceza ou á allemã, adaptem-se ao casaco as charlateiras ou as dragonas, mas o que se impõe como uma necessidade immediata é a resolução definitiva d'este problema, cuja demora está prejudicando devéras quasi todos os officiaes.

* * *

=== Afim de inspeccionar o D. R. R. n.º 23, partiu para Coimbra, na segunda-feira, o coronel, sr. Antonio Augusto de Sousa Bessa, illustre commandante da 9.ª brigada d'infanteria, sendo acompanhado pelo capitão, sr. Manuel Ferreira Viegas Junior, major da brigada, e tenente-ajudante, Mario Mourão Gamellas.

Por tal motivo passou o commando militar d'esta cidade para a sédc do regimento d'infanteria n.º 24.

=== Regressou,na segunda-feira, de Almeida aonde tinha ido para assumir o commando do regimento de cavallaria 7, o tenente, sr. Carlos Gonçalves Guimarães.

=== Afim de assistir a uma conferencia, foi hontem, em diligencia, a Coimbra, o capitão medico, sr. Zeferino Martins da Silva Borges.

Sociedade Anti-Esclavagista Portugueza

Recebemos, com o pedido de publicação, esta circular:

...Cidadão:

Portugal, agora despertado á vida, precisa de integrar-se em todos os grandes movimentos que preoccupam as sociedades modernas e agitam os grandes povos.

D'esses movimentes, um dos mais generosos, por certo, é o que tem por fim despertar a consciencia universal contra essa nodoa da civilisação, a venda do homem pelo homem, a escravatura. E' a obra das Sociedades Anti-Esclavagistas, que ainda não temos em Portagal.

A alma portugueza, toda feita de amor e de liberdade, odeia a escravatura. Apezar d'isso, Portugal é considerado pelo mundo como uma nação de esclavagistas. Algumas das nossas colonias são tidas como centros de escravidão.

De duas uma: ou essa acusação é verdadeira, e então urge unirmo-nos todos e, reconhecendo francamente o mal, ajudarmos o Governo a acabar, para decoro da nação, ainda com os mais insignificantes resquicios d'essa barbarie, ou esse conceito é falso, e então devemo-nos pôr em comunicação com as sociedades anti-esclavagistas do estrangeiro e leval-as lealmente a reconhecer o engano.

Para isto, que já não é pouco, e para acompanharmos o movimento mundial de proteção ás raças chamadas inferiores, era urgentissimo fundar em Portugal a Sociedade Anti-Esclavagista Portugueza, *unindo todos os que, na Metrópole ou nas Colonias, ciosos do bom nome portuguez, desejam colaborar n'esta obra patriotica e altruista.*

N'esta convicção, os abaixo assignados, constituidos em Commissão Organisadora, resolveram fundar hoje a Sociedade Anti-Esclavagista Portugueza *e publicar esta circular para colher as adhesões de todos os que possam interessarse por tão momentosa questão, bastando para isso enviar um simples postal de adhesão á Séde Provisoria da Sociedade, Travessa da Espera, 8, 2.º, Lisboa.*

Podem fazer parte da Sociedade pessoas de ambos os sexos. As quotas dos socios serão facultativas, a principiar em 1$200 réis annuaes.

Lisboa, 1 de Março de 1911.
Saude e Fraternidade

A COMMISSÃO ORGANISADORA

Presidente—Magalhães Lima
Secretarios—Alfredo H. da Silva
José de Macedo
Thesoureiro—Francisco Marques Ribeiro
Vogaes—Alvaro Affonso Ribeiro Barbosa, Alvaro Corte Real, A. J. Pires Avelanoso, Antonio José Rodrigues Braga, Antonio Maria da Silva, Antonio Simões Raposo, Augusto Soares, Carlos Braga, Francisco Arrobas da Silva, Jayme de Moraes, Jayme Leote do Rego, J. M. R. Norton de Mattos, José Antonio Simões Raposo, José de Magalhães, João de Barros, D. Matilde Agrela d'Oliveira.

Dr. Angelo Vaz

Tendo vindo á Costa de Vallade, de visita á filhinha do nosso querido amigo, dr. Abilio Marques, que se acha gravemente enferma, esteve aqui, de passagem, o nosso distincto correligionario e collega da *Patria*, sr. dr. Angelo Vaz, abalisado especialista de doenças de creanças, no Porto.

Donativos

O sr. governador civil recebeu ultimamente do administrador de Arouca, para os orphãos das victimas do cholera na Madeira, a quantia de 25$710 réis com que subscreveram as freguezias de Burgo, Urrô, Tropeço e Mançores e mais 117$410 réis do presidente da Commissão Municipal Administrativa de Albergaria-a-Velha, destinada, por sua vez, ás victimas da revolução de Outubro.

Tanto uma como outra importancias vão ser enviadas ao seu destino.

Conservador do Registo Civil

Não é o sr. dr. Moura Pinto, mas sim o novel bacharel, Alberto Ruella, nosso patricio e amigo, genro do velho e intemerato republicano, sr. Alfredo de Lima Castro, que vae ser nomeado Conservador do Registo Civil em Aveiro, em harmonia com as novas deliberações das commissões locaes que assim o deram a saber ao illustre chefe do districto n'um dos primeiros dias da semana corrente.

Folgando com a attitude dos nossos correligionarios que teem superintendencia nos assumptos politicos do concelho, d'aqui enviamos ao dr. Alberto Ruella um apertado abraço de parabens pela sua escolha para o cargo que o governo, julgando-a acertada, hade sancionar.

Melhoramentos locaes

Na ultima sessão extraordinaria da camara municipal, que n'outro logar referimos e a proposito d'uma nova avenida que, ligando a cidade á estação do caminho de ferro, afaste do visitante a impressão dolorosa que apresenta a rua que actualmente offerece esse trajecto, o nosso amigo e vice-presidente da vereação, o sr. Jayme Ignacio dos Santos, mostrou um novo traçado que foi bellamente acolhido, sendo sollicitada do sr. governador civil a sua intervenção a favor do referido progecto, ao que s. ex.ª promptamente annuiu, telegraphando ao ministro do fomento sobre o assumpto, o que para nós representa mais do que uma esperança.

O trabalho do sr. Jayme dos Santos, que inclue parte da planta da cidade, o novo projecto e a respectiva exposição e considerandos, é completo, e faz honra ao seu auctor a quem calorosamente felicitamos.

Veremos se com a boa vontade de todos e a incontestavel superioridade do novo projecto sobre os outros apresentados, e ainda, sob o ponto de vista economico, teremos ou não, d'esta vez, esse melhoramento tão indespensavel quanto urgente.

O jogo

Já n'outro dia chamámos a attenção da auctoridade para o que, nas visinhanças da estação do caminho de ferro, se dava quasi todas as noites e hoje de novo o fazemos, pois nos consta que o jogo continua desenfreado em algumas tabernas, dando logar a constantes desavenças entre os pontos, na sua maior parte gente sem recursos e portanto a quem faz falta quaesquer cinco réis que lá vae perder.

Ao sr. commissario de policia recommendamos o assumpto, que é da maxima importancia.

Transcripção

O nosso distincto collega *A Montanha*, diario da tarde que se publica no Porto, com palavras penhorantes, e que nós muito agradecemos, reproduz parte do nosso editorial do passado numero.

Escola de Arada

A pedido dos republicanos d'Aveiro e com plena satisfação dos da visinha freguezia de Arada, foi ultimamente despachado professor para a escola ha pouco ali creada pelo governo da Republica, o sr. Adelino Costa, que, como professor desinteressado do *Centro Escolar Republicano*, havia dado sobejas provas da sua muita dedicação e amor ao ensino.

Felicitamol-o.

Mi-Carême

Promovido por commissão de socios do *Club dos Gallitos*, composta dos srs. José Carvalho Branco, A. Esteves, José de Pinho, Mario Leitão, Firmino Picado e Armando Ferreira da Costa, effectuou-se na noite de quarta-feira no grande salão do mesmo Club, que se achava artisticamente decorado por José de Pinho, um dos melhores bailes a que temos assistido em Aveiro e ao qual concorreram, em *costumes*, as nossas mais formosas e gentis tricanas que, como sempre, imprimiram á celebração da *Mi-Carême* dos *Gallitos*, a nota alegre que todas as suas festas é d'uso terem quando a ellas concorre a fina flôr feminina.

A extraordinaria falta de espaço com que luctamos impede-nos de darmos a esta noticia a latitude que desejávamos, descrevendo minuciosamente as gratas impressões que trouxemos para casa ao alvorecer da manhã de hontem. Desculpem-nos os *Gallitos*, desculpem-nos as tricaninhas, desculpem-nos todos. Só Deus sabe o quanto ficámos contrariados quando o typographo, com ar gráve, nos disse que o jornal estava completo e que mesmo nem typo havia nos caixotins!... Foi força de expressão, é claro, por quanto para os nomes de parte das graciosas tricaninhas que vimos a povoarem o salão, sempre arranjámos, se bem que o mestre da officina não estivesse muito pelos autos.

Foram ellas: *Rosa dos Santos Alexandre, Luz Freire, Alice Encarnação, Julia Encarnação, Augusta Freire, Clotilde Duarte, Clotilde Cardoso, Micia Freitas, Carolina Freitas, Maxima Lau, Rosa Lau, Ambrozina de Freitas, Arminda Carvalho, Celeste Picado, Nathalina Picado, Eva da Silva, Apresentação de Mello Naia, Rosa da Cruz, Maria da Cruz, Rosa Paulino, Aurora da Cruz, Besideia Barbosa Picado, Conceição Picado e Silva, Maria Teixeira, Amelia Teixeira, Maria da Cruz, Beatriz da Cruz, Rosa da Cruz, Guida de Mattôs, Rosa de Mattos, Ceu Sarabando, Pureza Sarabando, Aida Soares, Maria Marques, Chrisanta Salgado, Maria Salgado, Chrisanta d'Oliveira, Esmalia da Graça, Paula Picado, Amandina de Oliveira, Ophelia de Pinho Rezende, Maria da Conceição, Maria da Graça, Ceu Teixeira*, etc.

Ao grupo dos *Gallitos* não podemos deixar de endereçar-lhe parabens pelo brilhantismo com que decorreu e levou a cabo a sua iniciativa, que oxalá se repita muitas vezes, para honra da terra, do Club e expansão da mocidade.

Feira de Março

Principiou com chuva e certamente com chuva hade acabar, o mercado annual do Rocio, cuja concorrencia, até hoje, tem sido diminuta.

Muitos feirantes deixaram de vir embora tivessem encommendado barracas.

Manhas velhas

O *Progresso d'Aveiro* com ares d'ingenuo e de indifferente, que tão bem lhe ficam, affectando que por modo nenhum quer alterar e seu processo de vida—alheio á politica—publíca, tudo no mesmo numero, o famoso artigo *a expiação* do sr. dr. Jayme Lima, sem dizer d'onde o transcreve, o que é uma deslealdade; a narrativa dos factos politicos de ha 38 annos passados no paiz visinho e queda da Republica hespanhola (esta parte é que era o importante e uma maneira indire ta de lembrar as cousas); local sobre as proximas eleições e, á falta da habitual cartinha do *Gabriel... de Mello*, traz uma... receita para môlho italiano...

Vem completo, o interessante jornalsinho...

Pelos concelhos do districto

O sr. Governador Civil é recebido em Ovar com inexcediveis demonstrações de regosijo—Identificação perfeita com a sua acção dirigente—Viva a Republica!

Pertence ao nosso presado collega A Patria, *do importante concelho no ultimo domingo visitado pelo nobre governador civil d'este districto, o relato do que ali se passou durante a curta estada de s. ex.ª entre o povo d'aquella região, e que com a devida auctorisação, transcrevemos, vista a impossibilidade, que ainda d'esta vez subsistiu, de o acompanharmos.*

«Como fôra previamente annunciado, domingo passado, Ovar teve a honra de contar como hospede e visitante o illustre governador do districto. O dia amanheceu torvo, carregado de grossas nuvens que, a espaços, desabavam sobre a terra em cordas d'agua pezadissimas, e assim se conservou todo o dia e assim fez que o luzimento dos festejos viesse a ressentir-se nas manifestações e festas da via publica. Chuva torrencial, braviamente açoitada da ventaneira, pélo dia fóra, dentro da noite, mas assim mesmo, a homenagem d'Ovar ao Governo da Republica, na pessoa do illustre chefe do districto, revestiu uma grandiosidade e uma imponencia, entre nós, até hoje, nunca egualadas. Foi brilhantissima. O noticiarista não exagera, não pinta por amor da arte e da parolice brochadas gordas na scena; limita-se, muito simplesmente e *d'après nature*, a contar o que viu, ouviu, e as impressões que recebeu da festa á qual assistiu de começo a cabo, por dever do cargo e pessoal aprazimento.

Manhã cedo, e rompendo com a *ouverture* do programma, uma banda muzical percorreu as ruas da villa, annunciando ao povo, com o concurso d'umas girandolas de foguetes, que Ovar eram horas de ir fazer a *toilette* para a festividade do dia. O Governador, estava combinado que chegaria pela via ferrea, no comboio do meio dia e minutos, e ahi deveria ser esperado pela Camara, commissões partidarias, amigos e pelo povo. Meia hora antes da chegada do comboio, literalmente, não se rompia na gare. Resistindo ás ameaças da chuva, a multidão viera, alargava-se pela *gare* d'onde refluia para os extremos, premia-se no largo fronteiro á estação. O comboio, esperado impacientemente, chega, emfim, e mal surge, ao largo, o rolo de fumo que o annuncia, foguetes, muzica, multidão, tudo se manitesta, se desafia.

E' bello! O Governador vae nos braços da multidão, embrulhado na onda que o envolve, e bem se vê que surpreso, encantado com o espectaculo empolgante. Queria formar-se um cortejo, ordenar, dispôr segundo regras, antes traçadas, aquella ondeante massa de gente. Impossivel.

A custo se fazem chegar á frente, o dr. Rodrigo Rodrigues, presidente da Camara d'Ovar, e alguns visitantes.

Aos lados, atraz, entre vivas, debaixo de flôres, camelias brancas, camelias rubras, hasteando bandeiras, desdobra-se a fita rumorosa, longa, do cortejo. Uma aberta de tempo—a unica de todo o dia—contemporisadoramente, não tivera de vir mais a proposito; o cortejo realisava-se brilhantemente, esse numero de effeito do programm a cumpria-se com magnificencia,—*beautiful*.

A' meia hora da tarde, não nos esquece ainda, com que difficuldades inauditas, tanto era o aperto do povo, chegava-se aos Paços do Concelho, a primeira visita do Governador. Esperavam-o a corporação dos Bombeiros Voluntarios, posta com aquelle brilho que se lhe conhece e constitue um dos orgulhos do verdadeiro vareiro, o funccionalismo da Justiça, com aquelle ar de casta, grave e respeitavel, que, como em nenhuma outra parte, se adquire na atmosphera dos tribunaes, e fóra da teia, impaciente, festivo, o nosso amigo Zé Povinho, filho amado da Republica. Feitas as apresentações, que demoram, acompanhado dos presentes, entra na sala das sessões o dr. Rodrigo Rodrigues. Uma ovação acolhe s. ex.ª e, feito um pouco o silencio, o nosso amigo dr. Pedro Chaves em nome da Camara a que preside dá as boas vindas ao representante do Governo.

—«O Governador Civil vem á casa do povo e a este concelho, não para corromper e aliciar consciencias e votos, offerecendo estradas, promettendo remissões militares, dando, em palavras, tudo; vem, não para essa missão immoral, mas para conhecer d'observação directa a nossa terra, verificar a sua importancia, inteirar-se das suas necessidades reaes, ouvir da bocca do povo d'este concelho todas as reclamações e votos legitimos que á primeira auctoridade da Republica queiram fazer-se. A Camara de Ovar tem recebido no seu salão nobre, antes de s. ex.ª, visitantes illustres e de situação official altissima; ali estivera Mouzinho d'Albuquerque, nome merecedor do respeito de todos os portuguezes pelo accendrado patriotismo de militar, e pela gloria e honras que a sua espada talhou á patria nas plagas remotas de Moçambique; ali vieram dois filhos de reis, um principe e um infante, herdeiros de D. Carlos; um infante que, um dia, havia de ter sobre a cabeça o pezo de ferro da corôa.

. . . .

O povo do concelho de Ovar tinha na sua presença a mais alta auctoridade da Republica na divisão districtal; dirigisse-se a s. ex.ª, que seria ouvido, visto que as novas auctoridades, todo o seu prestigio lhes vinha do povo, de quem eram mandatarios; delegados, não mais».

O nosso presado correligionario, que foi eloquente, sincero e feliz absolutamente, na sua alocução impressionante, ao rematar, foi calorosa e justamente aplaudido.

Agradece o Governador Civil. O sr. Rodrigo Rodrigues falla correntia e vigorosamente, agrada, desde logo. A festa com que acabam de o acolher agradece-a, acceitando-lhe e acentuando-lhe o seu sentido, dirige-a á Republica, cujo prestigio, cuja força, cuja seiva, ali representa pela situação em que está. Conhece o povo d'Ovar, as suas aptidões de trabalho, de iniciativa, a sua vitalidade afirmada constante e fortemente pelos filhos da terra honesta e obreira que o recebe tão fidalgamente. Com homens de fibra tão digna, de actividade tão productiva é que se constitue vigorosa a essencia da nova sociedade.

Está no salão nobre da casa do Povo, é recebido, esplendidamente, no Municipio. Está bem. Os Municipios foram a primeira e distante afirmação da soberania e libertação populares; foi reunindo-se nos Paços do Concelho que os vilões vingaram subtrair-se á tirania da nobreza e do clero feudalistas, com o decorrer do tempo e á custa de inenarraveis esforços evolucionando da designação de *vilões*, com que inicialmente eram rebaixados, para o titulo honrozo e forte de *homens bons*. As Camaras Municipaes foram a revelação vigorosa e apaixonada da vontade e da altivez populares, tornaram-se os redutos naturaes e temidos das liberdades communs, para a constituição futura do estado devem conservar e ampliar essa grandeza de que ainda guardam, vivida, a tradição e o espirito.

Sauda os republicanos de Ovar, cuja unidade e disciplina teem tornado uma força que, tem agora a certeza, se encontra identificada com a sua acção politica. A Republica está de tal modo e tão honradamente encaminhando a sociedade portugueza, que hade realisar todas as esperanças que de toda a parte n'ella se depositam. Congreguem-se todos os verdadeiros patriotas á volta da bandeira e da idea da Republica, que assim ficará assegurado o futuro da nossa Patria.

Termina, e as ultimas palavras de agradecimento são cobertas de freneticos, enthusiasticos, applausos. Immensa gente;—era nos corredores, no atrio, na escadaria, no largo, toda uma população d'um concelho, victoriando nos homens o Portugal novo da Republica.

Da Camara Municipal, a visita que se seguia, no itenerario traçado, era a do *Centro Republicano*. Ali chegou pela 1 e meia da tarde, acompanhado dos nossos presados visitantes d'Aveiro, o dr. Rodrigo Rodrigues. Era esperado pela Direcção, e ao *champagne*, que por esta foi offerecido á auctoridade superior do districto, brindaram:—o director de *A Patria*, dando as boas vindas e agradecendo a honra da visita; dr. Rodrigo, que enalteceu a obra dos centros; Cunha e Costa, que fallou da familia republicana; capitão do porto d'Aveiro, que brindou ao povo de que enalteceu os sacrificios e a honra; alferes Leite, que fez da Republica a veemente e apaixonada defeza e celebrou os deveres republicanos do cidadão-soldado; tenente Cabral que brindou pela Republica e Nunes Branco, que fez a evocação comovida do companheiro de noites de trabalho revolucionario, de febre conspiradora: o dr. Lopes Fidalgo, que ali devia ser lembrado pelos seus camaradas d'esse tempo, brinde que foi ovacionado com uma especial significação. Eram horas do comicio que ia, devido ao máo tempo, forçadamente, realizar-se no acanhado ambito do theatro. Sahimos. Debaixo de chuva, a pé, fez-se o trajecto.

Theatro repleto.

Apresenta á assembleia o chefe do districto o presidente da commissão municipa

republicana, propondo-o para presidir. Acceite, com uma salva de palmas, a indicação, o dr. Rodrigo Rodrigues, avançando no estrado, diz á assistencia qual tem sido o valor da obra da Republica e qual a orientação que a determina. Apresenta factos, obras, repta quem quer que seja a contestar, a destruir a sua documentada exposição. Demonstra como Republica e Patria são, ao presente, termos absolutamente indissoluveis, confia que as nossas glorias passadas, a nossa antiga grandeza, retomem pelo influxo da Republica o seu logar de honra nos nossos destinos.

Secretariam, o digno administrador d'este concelho e o director d'esta folha.

A ordem d'inscripção dos oradores é—Ruy da Cunha e Costa, dr. Sobreira, dr. Frageteiro, tenente Cabral e capellão do regimento d'infanteria 24.

Foram muito applaudidos.

. . . .

Ao Governador Civil foi depois apresentada pelo director de *A Patria* uma commissão de commerciantes, que apresentaram uma reclamação do commercio d'Ovar respeitante á questão das avenças dos depositos, afim de recommendada pelo Governador Civil, ser presente ao ministro das finanças.

Em breves e sinceros termos, o dr. Rodrigo fez notar aos commissionados que poderiam contar com o seu appoio e com a sua leal ajuda.

Tinhamos d'ir a Vallega, visita ás escolas Oliveira Lopes, homenagem a dois irmãos de generosidade e emprecendimento excepcionalissimos. Chovia a cantaros, desabaladamente. Mas não havia mais remedio; encafuados em trens, seguindo o automovel que conduzia o Governador do districto, depressa se fez o trajecto, que pena foi o santo sol não houvesse illuminado na paleta divina dos seus raios alegradores. As escolas Oliveira Lopes, instaladas no sumptuoso edificio que conhecem, arrancaram aos visitantes exclamações d'admiração satisfeita. Esperados por immenso povo, e pelas corporações republicanas da freguezia, a rscepção foi euthusiastica, vibrante.

O nosso correligionario, dr. Tavares, deu as boas vindas em nome dos republicanos locaes á auctoridade superior do districto, o professor da escola fez um pedido ao mesmo sr., e um petisito, recitando uma saudação, offereceu a s. ex.ª um lindo *bouquet* de flôres naturaes.

Na escola das meninas discursaram brilhantemente o illustre Governador do districto, e o capellão do 24, cujas palavras repassadas de enternecimento, de afabilidade e de elevação, deixaram a mais grata e a mais viva lembrança.

Visitaram-se depois as dependencias do magnifico edificio, e por uma gentilesa final muito penhorante, foi offerecida aos visitantes a classica taça de *champagne*.

Os drs. Rodrigo Rodrigues e Pedro Chaves, Cunha e Costa e tenente Cabral, brindaram como era justo, á benemerencia e limpidez d'espirito dos benemeritos José e Manuel José d'Oliveira Lopes, dois homens de bem, cuja memoria e cuja nobre lição para todo o sempre estão vinculados ao livro d'oiro da benificencia e da bondade inteigente, que tão eximiamente esses nossos queridos amigos praticam.

Faziam-se horas de jantar. Dado o signal da abalada, regressava-se a Ovar, eram 6 horas da tarde, sempre de gorra com a chuva que até á ultima quiz fazer honras da casa.

A's 7 horas, precedido de uma audição de *A Portugueza*, teve começo o banquete que foi de 60 convivas e se realisou no salão nobre dos Paços do Concelho.

Magnifica de simplicidade e encanto a decoração do salão, sumptuoso, imponente o aspecto do conjuncto.

O jantar, servido pela confeitaria *A Parisiense*, não desluziu nos creditos da casa, e o sexteto, de rapazes da philarmonica dos Bombeiros Voluntarios, executou com mêstria um repertorio selecto.

Iniciou a serie dos brindes o dr. Chaves, que presidia, respondendo o dr. Rodrigo Rodrigues, que uma vez mais acentuou a concordancia em que se encontra com os republicanos d'Ovar. Depois brindaram o dr. Mello Freitas, dr. Sobreira, Capellão d'infanteria 24, tenente Cabral, Ruy da Cunha e Costa, Gustavo Sobreira, tenente Coentro, director de *A Patria*, de novo o governad.r do districto e dr. Chaves, e o pondenoroso official de marinha, capitão do porto d'Aveiro. Terminou o banquete eram 10 horas da noite.

D'ahi seguiram para a estação os nossos hospedes e visitantes, acompanhados até ao comboio pelos dirigentes do partido republicano d'Ovar. Na estação, á partida, foram alvo de uma affectuosa despedida, apezar da chuva que cahia torrencialmente; a chuva que no concerto e na magnicencia das festas foi a unica nota discordante e arreliadora.»

NOTA

No livro dos visitantes das escolas Oliveira Lopes, de Vallega, o illustre Governador Civil escreveu o seguinte:

Tenho o mais intimo orgulho em ser o primeiro Governador Civil da Republica n'este districto que visita esta escola, a qual attesta até onde póde ir o subido civismo e patriotismo de um cidadão. E' preciso que o exemplo predure e vivifique para bem da Republica, para orgulho da Patria.

19—março—1911.

Rodrigo Rodrigues.

Novo estabelecimento

Entre os modernos estabelecimentos d'Aveiro em destaque pelas suas dimenções, pela variedade de artigos n'elles expostos á venda e sobretudo pela disposição com que esses artigos são collocados, de molde a chamar a attenção do tranzeunte, aquelle que o nosso amigo sr. Francisco Casimiro da Silva acaba de abrir no Côjo, em frente ao Mercado Manoel Firmino, é dos que honram a cidade, pela maneira como está montado e que não fica atraz dos principaes armazens de moveis, louças e vidros que existem nas cidades do paiz de importancia superior á nossa.

A' iniciativa do sr. Francisco Casimiro, que sobre ser um artista marceneiro de reconhecida habilidade, é um dos que mais em conta trabalha no seu mister, auguramos um largo futuro, pelo que desde já o felicitamos com a sinceridade propria de quem deseja vêr todos os grandes emprehendimentos dos seus patricios coroados do melhor exito.

Animatographo

De primeira ordem o que se acha installado no Theatro Aveirense, da empreza Joaquim Bernabé, que além de apresetar fitas de verdadeira novidade, como são as fornecidas pelas casas Pathé e Filis, ainda nos delicia com preciosos numeros de variedades, para o que traz artistas de subido merito e valor, que o publico se não cansa de applaudir todas as noites. Assim, Miss Ilda, por exemplo, é d'esses artistas aquella que tem feito mais successo pelos difficeis e incomparaveis trabalhos que apresenta, mórmente na Boneca, que tem causado a admiração dos aveirenses e é das melhores coisas que temos visto, tal a impressão que nos dá e a todos, de que Miss Ilda não é a gentil mulher que mais tarde vemos na sua apreciada dança com o preto, mas sim uma encantadora boneca artificial, movida a electricidade e, pela sua energia, levada até ao ponto da mais completa movimentação, o que nos tempos que vão correndo não seria para admirar tanto como o trabalho natural da extraordinaria artista.

Miss Ilda, tem, conforme acima dizemos, outros companheiros de não menos habilidade e merecimento, que já se teem distinguido, egualmente, pelos seus variados trabalhos, na sua maior parte nunca vistos em Aveiro, e que decerto chamarão ás sessões do Theatro Aveirense enorme concorrencia attendendo á que os preços estabelecidos pel.ı empreza Bernabé são tambem o mais convidativos possivel.

NOTAS DA CARTEIRA

Por volta do meio dia e com a assistencia de muitos convidados e curiosos, realisou-se, no domingo ultimo, na egreja parochial da Gloria, o casamento do conceituado negociante d'esta praça, sr. José Nunes Ferreira Ramos, com a prendada filha do sr. Antonio Ferreira Felix, já fallecido, D. Isaura Ferreira Felix.

Aos sympathicos noivos desejamos uma prolungada lua de mel.

==Deu á luz uma creança do sexo masculino a esposa do nosso amigo, sr. Celestino Baptista da Silva, digno 1.º sargento de infanteria 24, pelo que o felicitamos.

O baptisado deve effectuar-se civilmente, dentro em breve.

==Está n'esta cidade com sua esposa e filhos, o sr. dr. José Maria Soares, medico militar em Lisboa.

==Vieram aqui, com pequena demora, os nossos correligionarios d'Agueda, drs. Eugenio Ribeiro e Manuel Alegre.

Aguas da Curía

Recebemos o relatorio e contas da Direcção e parecer do Concelho fiscal relativo á gerencia de 1910, por onde se vê que a Sociedade exploradora de estas aguas, cujo estabelecimento balneo-therapico se acha situado a 2 kilometros da estação do Mogofores, vae n'um crescendo de prosperidades muito notavel, o que, por varios motivos, nos apraz registar com louvor para o respectivo conselho de administração, de que faz parte, entre outros, o nosso velho amigo e correligionario, sr. Albano Coutinho.

Os nossos agradecimentos.

Recreio Artistico

Decorreram animados os festejos com que esta associação local commemorou o seu anniversario, pelo que a felicitamos desejando-lhe a continuação das suas prosperidades.

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 16 de Março de 1911.

Presidencia do cidadão dr. Carlos Alberto da Cunha Coelho. Assistiram os vogaes effectivos Ignacio Santos, Manuel Augusto da Silva, Vicente Cruz, Pompilio Ratolla, Teixeira Ramalho e Sebastião Figueiredo.

Acta approvada, depois do que tomou as seguintes resoluções:

Indeferir as petições de Manuel Pedro da Conceição & C.ª, industriaes d'esta cidade, para venda de lenhas, por avença, na fabrica de louça da Fonte Nova; e de

José Antonio Soares, o *Vigario*, da Murtoza, para construcção d'uma casa em S. Jacintho, com acquisição de terreno;

Attestar o comportamento moral e civil de José da Maia Romão Junior, d'esta sidade, comportamento que, por unanimidade, julgou bom;

Conceder as licenças e mandar dar os alinhamentos que para construcções e outras obras lhe foram pedidos;

Proceder ao aparamento das arvores do passeio publico que deitam sobre a quinta de Santo Antonio;

Auctorisar o seu presidente a prehencher o logar de professora de bordados no Asylo Escola, sem remoneração;

Approvar o projecto de postura sobre numeração de predios apresentada pelo seu vice-presidente;

Encarregar o mesmo sr. vice-presidente e o vereador Simões Ratolla de reverem as condições do contracto da illuminação incandescente na cidade para proporem as modificações que houver de se lhe fazer;

Proceder a nova e ultima intimação aos donos dos predios que se encontram carecidos de reforma para que a ella procedam dentro do praso de 8 dias; e

Intimar Manuel Rodrigues Barbosa, casado, lavrador, da Povoa do Paço, para restituir ao publico, desde já, uma porção de terreno que tomou no Chão do Sardão, d'aquelle logar.

* * *

Idem, extraordinaria de 20 de Março

Presidencia do cidadão, dr. Carlos Alberto da Cunha Coelho com a assistencia dos vogaes Jayme Ignacio dos Santos, Manuel Augusto da Silva, Pompilio Simões Souto Ratolla e Teixeira Ramalho.

Lida e approvada a acta anterior, declarou o cidadão Presidente ter convocado esta reunião extraordinaria, para a qual convidára tambem representantes das diversas associações locaes, a fim de, ouvindo a opinião de todos, deliberar sobre a projectada avenida do Côjo á Estação do Caminho de Ferro.

Fez larga exposição sobre o assumpto, ouviu, de facto, a opinião dos individuos presentes, e, attendidas as diversas razões por que cada um se manifestou, deu, por fim, approvação á seguinte proposta, apresentada pelo seu vice-presidente:

Considerando que a Commissão administrativa do municipio de Aveiro deseja collaborar com o governo provisorio da Republica na obra de saneamento moral e economico em que anda empenhado;

Considerando que sómente se conseguirá uma administração honesta nas despesas do Estado, quando estas se restrijam ás verbas orçamentadas;

Considerando que a cidade de Aveiro carece de instantes melhoramentos materiaes que estejam a par da sua belleza natural;

Considerando que até hoje pouco ou nada se tem feito, que torne esta cidade digna da nossa admiração e da dos forasteiros;

Considerando que o futuro de Aveiro, como o de todas as cidades que desejarem caminhar a par do progresso, devem obdecer a um plano geral de melhoramentos, que congregue todos os requesitos de uma cidade moderna;

Considerando que não póde nem deve continuar-se por mais tempo no esbanjamento de dinheiros publicos em satisfação de caprichos pessoaes;

Considerando que a variante da estrada nacional n.º 41, do Côjo á Rua do Quartel, cujo projecto se acha approvado, só parcialmente satisfará aos fins para que é destinada (derivar o transito para a estação e Esgueira pela estreita rua do Gravito;

Considerando que com essa arteria se não conseguirá, como convinha, furtar aos olhos do forasteiro, o aspecto rustico e primitivo de uma parte das casas que compõem a actual rua do Quartel;

Considerando que embora o governo custeie a abertura da rua em projecto, o municipio ver-se-ha sobrecarregado com os encargos provenientes da construcção de passeios, esgotos, illuminação, limpeza e conservação, que de modo algum as contribuições dos novos pedios podem compensar nos primeiros annos;

Considerando que á commissão, gerindo os negocios do municipio, compete velar pelos interesses materiaes do mesmo;

Considerando que a quantia de um conto de réis, disponivel para o começo dos trabalhos da variante da estrada n.º 41, é insufficientissima para trabalhos de vultc;

Proponho:

1.º—Que por intermedio do ex.^mo^ sr. governador civil do districto se peça ao governo para que as verbas consignadas nos orçamentos da Direcção de O. P. d'este districto, no actual ou futuros exercicios, para a construcção da variante da estrada nacional n.º 41, não só do Cojo á rua do Quartel, mas tambem d'esta á passagem do nivel de Esgueira, como proseguimento d'aquella, sejam arrecadadas na Caixa Geral dos Depositos, para ulteriormente serem entregues ao municipio de Aveiro, exclusivamente destinadas a custear a construcção de uma rua ou avenida, que ligue o centro da cidade com a estação do caminho de ferro ou passagem de nivel de Esgueira;

2.º—Que a commissão administrativa delegue no presidente poderes para convocar uma reunião da qual façam parte: as commissões republicanas da cidade, associações de interesses locaes e de recreio, imprensa, funccionarios e pessoas conhecidas como propagandistas dos melhoramentos da cidade, para opinarem sobre a directriz que convém dar á variante da estrada nacional n.º 41;

3.º—Que a decisão tomada n'essa reunião, pela maioria das corporações e individuos presentes, seja communicada ao ex.^mo^ sr. governador civil e se lhe peça para que o governo auctorise a Direcção de O. P. d'este districto, a fazer os estudos necessarios á elaboração do projecto, segundo a directriz escolhida e no qual seja comprehendida a planta parcelar dos terrenos, que se encontram dentro do polygono, no qual fique inscripta a nova estrada;

4.º—Que o sr. presidente fique com poderes para constituir uma outra commissão que tenha por fim o estudo de um plano financeiro pelo qual habilite o municipio a conhecer a conveniencia ou inconveniencia de se fazer a expropriação da faixa de terreno occupado pela estrada ou d'esta e terrenos adjacentes.

Aveiro, 20 de março de 1911.

O vogal,

Jayme Ignacio dos Santos.

Visto encontrarem-se presentes as entidades mencionadas no termo d'esta proposta, todas as quaes haviam já manifestado a sua opinião sobre o assumpto, ficou desde logo resolvido que a variante a adoptar seja a que sobre a planta respectiva alli mesmo se traçou, e que, partindo do Chafariz da Vera-Cruz, vae directamente á Estação, com um prolongamento da *Avenida Bento de Moura* até á nova arteria.

Ficou ainda assente que a Camara, acompanhada dos circumstantes, d'aqui fosse, como foi, apresentar este alvitre ao ex.^mo^ governador civil, pedindo-lhe os seus esforços n'este sentido.

A opinião apresentada pelo presidente foi unanimemente approvada, não só pelos membros da commissão administrativa, como tambem por todos os representantes das diversas corporações locaes que compareceram na sala das sessões da Camara.

DEFEZA DA REPUBLICA

O que diz a imprensa ácerca das ultimas medidas do sr. governador civil d'Aveiro.

Do *Correio de Vagos*:

«Ultimamente houve mais uma nota saliente na politica aveirense, visando principalmente o agrupamento ali organisado com a designação de *Centro nacional democratico*. O sr. governador civil, não se conformando com a orientação d'aquelle centro e com as doutrinas expendidas pelo seu orgão, a *Justiça*, dissolveu aquella aggremiação e supprimiu este jornal.

Estas deliberações do sr. dr. R. Rodrigues foram muito bem recebidas pelos republicanos historicos de Aveiro.

Por este motivo realisou-se no Centro Escolar Republicano uma importante reunião, approvando-se uma moção de applauso ao sr. governador civil e por proposta do dr. Mello Freitas, tenente Costa Cabral e outros illustres republicanos, depois de energicos e enthusiasticos discursos d'aquelles dois cavalheiros e dos srs. Alberto Souto, Ruy da Cunha e Costa, dr. André Reis, Elysio Feio, Cydraes, Luiz Couceiro e capitão Viegas, todos os assistentes se dirigiram pela rua José Estevam, Entre-Pontes, Largo Luiz Cypriano e rua 5 de Outubro, ao Hotel Cysne, onde reside o chefe do districto, sendo-lhe feita uma estrondosa ovação.

O sr. dr. R. Rodrigues veio agradecer, sendo então alvo de calorosas acclamações e saudado em breves discursos pelo tenente Cabral, dr. Mello Freitas e capitão Viegas que foram estrondosamente acclamados. O sr. dr. R. Rodrigues, agradecendo commovido aquella manifestação dos republicanos de Aveiro, tão expontanea e significativa, disse que havia sempre de saber cumprir o seu dever de patriota e de republicano. A manifestação redobrou de enthusiasmo, soltando-se clamorosos vivas.

A *Liberdade*, semanario republicano local, publicou um energico supplemento dando conta da suppressão da *Justiça*.

N'essa manifestação, feita á hora do theatro, e que correu com enthusiasmo e como rdem, tomaram parte operarios, pescadores, empregados publicos, advogados, commerciantes, representantes de todas as classes, distinguindo-se numerosos officiaes do regimento, sargentos e outros elementos militares. O partido republicano resolveu promover, para breve, uma grande manifestação em honra do seu governador civil».

A' roda dos "apontamentos,, d'um republicano... desconhecido

Leram as cartas dos srs. Domingos Leite e José Gamellas? Leram, tambem, o *Desfazendo calumnias* do sr. Manuel Dias?

Pois o sr. Manuel Dias, vergastado com a verdade, esfalfou-se para levantar uma poeirada que o deixou ainda em peor estado.

* * *

Que nos disse Manuel Dias que provocou o nosso artigo? Isto, que vamos repetir, tanrcrevendo-o: —«*Não são decorridos muitos mezes ainda, depois que uma commissão composta de quatro «cavalheiros» da minha terra, capitaneados pelos chefes bloquistas, me deu um cheque na presença da primeira auctoridade do districto, calcando aos pés a lei e commettendo uma revoltante arbitrariedade.*»

Respondemos-lhe que mentiu. E tanto assim era que, o sr. Governador Civil, Albano Coutinho, apezar de ter officiado demittindo a nova commissão, sob informações mentirosas do sr. Manuel Dias, depois de nos ouvir, reintegrou-a no seu mandato. Teve, assim, de emmendar a mão e só as suas mentirosas informações o levaram a dar esse passo em falso. Na nossa presença, o sr. governador civil, o declarou. E, no comicio da Oliveirinha, o sr. administrador referiu-se a esse caso, tambem, e censurou asperamente o procedimento do mentiroso que illudiu o sr. Albano Coutinho. D'ahi proveio o seu odio contra nós.

Esta affirmação ficou de pé.

Não a desfez o sr. Manuel Dias.

E' que, apezar da bôa vontade, a verdade não se destroe sempre que se quer. Nem todos os pedidos recebem esmola.

E diz, então, tolamente, parvamente:—«*o final do artigo* Apontamentos para a historia do partido republicano d'Aveiro *que nada tinha de offensivo para a tal commissão*, etc.

Pois não é um insulto, uma offensa gravissima, o que o sr. Dias nos disse?

Pois não é uma torpeza o que o sr. fez, accusando esta commissão *de calcar aos pés a lei commettendo uma revoltante arbitrariedade*, com o appoio do sr. governador?

Revoltante procedimento é o do senhor.

Então, não feriu, o sr. Dias, calculada e mentirosamente, o nosso caracter e a verdade dos factos? Se teima em dizer que não, é porque não sabe o que isso é, ou não conhece o pezo das palavras e não sabe o que diz.

E para que veio a nossa *chamada* insultuosa a proposito ou, antes, fóra de proposito, nos *Apontamentos?* Para que nos provocou e insultou? Para que semeou vento... de mentiras?

Alguem provocou-o?

Não. O sr. é que não andava socegado, depois da figura tristissima que fez e do tal cheque que recebeu, sem vomitar sobre nós o seu odio. Arranjou aquelle pretexto e esguilhou a repreza.

Pois não se vê, facilmente, que os *Apontamentos* foram um pretexto para nos insultar?

Pois, dos dez conspiradores de ha vinte annos, não era o sr. Manuel Dias o mais incompetente, o que tinha menos auctoridade moral, para escrever essa nota? E se veio a publico, sem ninguem o chamar, para que foi? Apenas para reclamar o lugar em que se assentou, por algumas horas, ha vinte annos, e insultar-nos em seguida.

Pois que lhe pediram?

Informações sobre a compra do armamento, promettendo-lhe guardar completo sigillo, sobre as suas declarações, se assim o desejassse. Mas o sr. Manuel Dias, ao ver-se assim importante,—procurado para *entrevistas*—farejou momento azado para reclamar lugar e, apezar de *não gostar de ver o seu nome nos jornaes*, veio expontaneamente fazer a historica exposição e insultar-nos.

Mas, o raio da sorte, sem o prevenir, arranca-lhe de debaixo dos pés mais dois *episodios* e prega-lhe um cheque deante de toda a gente. Foram duas cartas de D. Leite e J. Gamellas que o poseram em colicas, dizendo-lhe, que elles e mais tres, tinham pago as suas quotas de 100$000 réis.

Pois o sr. Manuel Dias, que sabia isso, como agora confessa, se *o não disse foi para não ter de citar tambem os nomes dos que não pagaram*, como saloiamente affirma, não teve pejo de ferir calculadamente, descaradamente, pessoas, algumas das quaes não podem defender-se

Quem lavaria do labéo de caloteiro, a memoria de Francisco Antonio de Moura, o republicano de sempre, por educação e por principios, que o sr. Manuel Dias, com um proposito infame, pois sabia que elle tinha pago, ultrajou? Quem se não apparecessem D. Leite e J. Gamellas? Como é que um homem, que não seja um indigno, é capaz de denegrir propositadamente o nome de um cidadão que toda a vida primou pela correcção democratica do seu porte e que não póde defender-se?

Quem havia de rehabilitar o nome de José G. Moreira?

Vejam que, nem receando um desmentido dos senhores, deixou, por calculo, de mentir.

Queria inculcar-se martyr no pagamento. Imaginem que miseria!

Depois, veja-sa este pequenino calculo que a exposição dos apontamentos e aquellas cartas nos fornecem: o sr. Manuel Dias ven-

dendo 50 armas, a 8$000 réis cada uma, recebeu 400$000 réis. Vendendo 12:000 cartuxos, a 10 réis cada um, supponhâmos, recebeu 120$000 réis. Total de vendas, 520$000 réis.

Segundo a carta de José Gamellas, foram mais 5 subscriptores que pagaram as suas lettras, além de Manuel Christo e Dias. Mas, pagando Manuel Christo, com certeza pagou tambem o irmão, tenente, que José Gamellas não citou. Pagaram, portanto, parece, oito individuos as suas lettras. E como cada lettra era de 100$000 réis, receberam-se réis 800$000.

Lettras e armamento produziram uma cifra de 1:320$000 réis.

Como é que o sr. Manuel Dias arranjou, então, esse *sacrificio* de massas? Para que escreveu: *os meus companheiros nunca mais me tornaram a perguntar pelas armas. Eu e Manuel Christo é que nos aguentámos com a bucha, porque depois de amortizarmos com o producto da venda das espingardas, a lettra da Caixa, ainda ficámos a dever uns 300$000 réis que pagámos passados 3 ou 4 annos.*

Entendem isto? Pode alguem tomar a serio a resposta á carta do sr. D. Leite?

Pois o seu dever, já que trouxe isso a publico, depois das cartas de D. Leite e J. Gamellas, não era publicar os documentos que liquidassem esse assumpto? Se o fizesse, como era seu dever, evitava fazermos o calculo acima.

Depois, se não queria ferir ninguem, para que aponta Joaquim Fontes como um inconfidente ou traidor, dizendo que, ao Santos Cardoso, descobriu a existencia das armas?

O que se vê, de tudo isso, é que o sr. Dias, quiz puxar as honras maximas para si sómente.

Mas, o mais interessante, é que, emquanto houve monarchia, o sr. Manuel Dias esteve caladinho como um tramelo.

A cerca da sua attitude politica, a questão ficou no mesmo pé.

Em 1890, fez parte da vereação progressista,—um triennio,—que nomeou o actual secretario da camara.

N'isto, não fallou o sr. Manuel Dias. Consta dos registos da camara e, por isso, não se podia rasgar nem attenuar, favoravelmente, esse testemunho. E' um documento que a vontade dos homens, batida, por todos os ventos *de favor*, que seja, não consegue destruir.

Ficou de pé.

Em 1906, declarou-se regenerador, filiando-se n'esse partido, quando ahi esteve Vaz Ferreira.

Sahiu o seu nome no *Campeão das Provincias* que era, n'essa situação, o jornal mais affecto ao governador civil e, por assim dizer, o seu orgão official. O sr. Manuel Dias não protestou. Veio, n'essa altura, tambem, a filiação do Padre Antonio Vieira.

Antes, poucos dias mesmo, havia-se filiado, no partido regenerador, Fernando Mattoso que se desligara do partido progressista.

Como veem os leitores, isto aponta-se para mostrar essa *simples coincidencia* de filiação no mesmo partido.

Fernando Mattoso veio ahi, ao velho baluarte politico do pae, bater a eleição.

Pois o sr. Manuel Dias, mais o Padre Antonio Vieira, pediu votos por ahi insistentemente.

Havia, apenas, uma differença, entre os dois. O padre trabalhava dia e noite na eleição; Manuel Dias, só de noite.

N'essa eleição, offereceram 600$000 réis pelos votos da Costa do Vallade. O Padre corria o lugar, furiosamente, repetidas vezes, dizendo e teimando com os eleitores:—Quem quer ir pelo dinheiro? Quem não quizer *ir ganhar este dinheiro*, é um traidor e inimigo da Costa do Vallade.

Manuel Dias arranjou, então, com que Fernando Mattoso assignasse uma lettra garantindo aquella quantia para que o povo, desconfiado, apezar do offerecimento, á hora, não lhe negasse a votação.

Mas isto iria longe e tudo isso hade ser tratado no livrito que vamos publicar sobre as immoralidades e irregularidades commettidas no periodo de dominio de esses senhores. Ponto, por agora.

O sr. Manuel Dias mente quando diz que nunca pediu votos.

Pediu votos muitas e muitas vezes mas encapotadamente, de noite.

Deixem-n'o fallar. E' habito de mentir.

* * *

Sobre as cartas politicas, em primeiro lugar, temos a dizer que, qualquer chefe politico, não conhece todos os individuos que deitam com o seu partido.

Todos? A's vezes, muito poucas e, quando é preciso, politicamente, tambem, esquecesse de que um ou outro fulano lá esteve. Mormente quando os chefes são uns *vira-casacas* porque, então, no alfaiate, perdem o livro de registo.

1.ª carta:—Gustavo Ferreira Pinto Basto.

O sr. Gustavo, quando veio para o partido progressista, fugido do regenerador e constituinte, foi, salvo o erro, em 1900.

N'essa altura, Castro Mattoso e Manuel Dias, fingiam-se no chôco. Não admira, pois, que lá o não encontrasse.

Negar-lhe o voto para a sua eleição, não espanta ninguem. O sr. Manuel Dias nunca votou. Está o sr. Gustavo a ver que, assim, o Dias tem sempre a folha corrida.

Em 1900, por exemplo, diziam-lhe, depois da eleição de deputados:—Afinal, o Mattoso e você, atraiçoaram-nos, protegeram os franquistas. O Dias atalhava logo:—Está enganado, eu nunca votei.

Vê o sr. Gustavo a vantagem da folha corrida?

Pois dê-se ao trabalho de ir ao archivo da camara e procure a vereação que nomeou o actual secretario que lá o encontra.

N'esse tempo, andava o sr. Gustavo navegando n'outras aguas...

2.ª Carta:—Jayme de Magalhães Lima.

Concordamos com a ultima parte do primeiro periodo:—*o sr. não solicitar o appoio eleitoral do sr. Manuel Dias.*

Mas, devemos objectar-lhe, que isso não impedia que outros o podessem fazer, mesmo, até, sem o sr. dr. Jayme o saber.

O segundo periodo, era melhor que o não escrevesse.

Já que o não sabe, nós vamos dizer-lhe uma das modalidades da gazua com que o conselheiro Mattoso auxiliava a eleição.

Chegava o eleitor, que ou vinha por si, ou um appelosinho convidava:

—Ora viva, o meu grande amigo! cumprimentava o conselheiro.

E, depois de qualquer conversa de permeio, lá vinha o assumpto desejado.

—Então, meu amigo, como vamos de eleições? Com quem vota?

—Sei lá, sr. conselheiro. O sr. o dirá. Nós, a bem dizer, d'essas coisas, não sabemos nada, sem a sua opinião.

—Eu, d'esta vez, fico em casa. Quero ver o que os *outros* fazem sem mim.

—Mas o sr. conselheiro, se quizesse, podia dizer para que lado era melhor ir.

O conselheiro, então, aprumava-se e, interessado, dizia:

—Olhe lá, se você quizer um serviço, ou um favor, qual lhe é mais incommodo, é ir perto ou longe pedil-o? Ir a um visinho, perto, ou, a um extranho, longe?

O aldeão breve respondia:

—E' ir longe, ao extranho.

—Ora ahi está, bradava o conselheiro, satisfeito. O Jayme é seu visinho.

Nas proximidades da eleição a forma, então, era mais clara, imperativa quasi.

Não discutimos se a acção era boa ou má; mas, já que a ignorava, lembramol-a á gratidão de v. ex.ª. Era escusado escrever-se mas, V. Ex.ª assim o quiz...

Foi, como vê, um correligionario valioso que V. Ex.ª, como chefe, não conhecia. O Dias, appendice do conselheiro, creado submisso ás suas ordens, assistia a tudo isso e seguia-o.

Semanas depois, tambem em 1900, o sr. Jayme Lima devia convencer-se de que o conselheiro estava ao seu lado, ás escancaras e sabe muito bem o que se passou com a eleição municipal e a maneira como o sr. Mattoso tratou os correligionarios progressistas.

Mas, não falemos mais n'isso.

O conselheiro morreu e era escusado v. ex.ª provocar a aclaração e esta leve resposta.

Por aqui vêem os leitores o valor moral d'esta carta.

O chefe franquista desconhecia um grande cacique. Admira que *desconhecesse* o creado?

4.ª carta:—Mario Duarte.

Esta carta, está prejudicada com a local do *Campeão das Provincias* de 1906—a filiação de Manuel Dias no partido regenerador.

Só traz de interessante aquelle *pedir votos quer no periodo eleitoral, quer fóra d'elle.*

E' prosa d'um *sportman.*

Pedir votos, fóra d'um periodo eleitoral é andar-se *treinando* em galopinagem.

5.ª carta:—Jayme Duarte Silva.

Depois das observações á carta do sr. Jayme Lima e pelo tom em que é escripta, vê-se qual é o seu valor.

E' nullo.

Apenas regista, de novo, o facto de Manuel Dias lhe não dar a sua votação.

Apresenta-o e reconhece-o como *cacique.*

6.ª carta:—Padre Antonio Vieira.

Esta carta moralmente é nulla. E immoral, até.

O padre Antonio filiou-se com Manuel Dias, em 1906, no partido regenerador. Veja-se o *Campeão das Provincias* d'esse anno.

Foi capellão, na Costa do Vallade, durante muitos annos. Foi secretario da irmandade, durante cinco annos, na gerencia de Manuel Dias e, depois, dos parentes. E pessoa intima do Dias.

E' uma creatura de tal modo antipathica que, apezar de ter aqui muitissimos parentes, primos e tios, foi expulso pelo povo de capellão.

D'aqui, o seu odio a todos nós. O Dias acompanha-o e, ambos, de accordo, traçaram e combinaram essa mystificação, vergonhosa para elles, do sr. Albano Coutinho. Queria-a reintegração da antiga ocommissão da familia, para voltar o padre para capellão.

Tarde voltará, descance.

D'este odio maldito de frade, nasceram, por camaradagem, esses insultos de Manuel Dias, a proposito das espingardas. Vejam que creaturas!

Que valor póde ter uma carta escripta por tal homem? Nenhum, absolutamente nenhum.

* * *

Leram? Pois convençam-se de que Manuel Dias era um politico de muitas cores dentro da monarchia, um eleiçoeiro encapotado e, nos ultimos tempos, correligionario do padre Antonio, como no proximo numero acabaremos de demonstrar.

Costa de Vallade, 22 de Março de 1911.

Pela commissão,

João Fernandes Filippe
José Vieira dos Santos.

CORRESPONDENCIAS

ANGEJA

A illuminação publica

4:980$220 réis

Condemnados a serem integralmente gastos em Albergaria... para as outras freguezias do concelho nem cinco réis; os seus habitantes não são portuguezes senão para pagarem os luxos com que se enfeita Albergaria; para os beneficios a que teem jus, estão em peor situação que os cafres ou os hottentotes.

Este parece ser o criterio do solicito correspondente de Albergaria para o *Democrata.*

Vimos ha dias uma correspondencia no *Democrata* ácerca da illuminação publica de Angeja, e sem querermos responder á referida correspondencia, vamos dizer algo de justo para aquelles que desconhecem o assumpto.

Angeja installou, por subscripção, a illuminação a gaz acetylene das suas principaes ruas em 1904, com que gastou 1:100$000 réis.

Pediu á camara um subsidio, mas, como n'essa occasião esta estava em precarias circumstancias financeiras, foi-lhe dito que fizessem a installação e a sustentassem dois ou tres annos, que logo que a camara se encontrasse em melhores circumstancias pecuniarias lhe seria dado um subsidio.

De facto assim se fez, e tem-se sustentado a illuminação por subscripção e a expensas dos filhos d'Angeja, sem auxilio algum da camara, a não ser no ultimo anno, em que se obteve, *como grande mercê*, ficar n'esta freguezia para ajuda da illuminação a importancia das coimas aplicadas n'esta area, que a camara indevidamente recebia.

Porém Angeja é tão infeliz que, mesmo quando uma mudança salutar de instituições lhe devia trazer um regimen de legalidade e justiça, desprendido já das nocivas e asfixiantes influencias politicas, até a importancia das coimas concedida á custa de tantas canceiras, lhe foi retirada pela vereação republicana de Albergaria!... Angeja está crente que justiça lhe será feita, quando não seja pela actual commissão republicana (?) d'Albergaria, ao menos pela camara municipal do concelho, quando devidamente constituida, porque esta saberá distribuir por todas as freguezias, equitativamente, aquillo que fôr de justiça e que de direito lhe pertence.

Angeja reconhece a todas as freguezias o direito de pedirem subsidios para os seus melhoramentos, ao contrario do que suppõe, o solicito correspondente do *Democrata;* o que não reconhece nem nenhuma outra freguezia do concelho pode reconhecer, é que seja gasto só em Albergaria, em futilidades, para se salientarem e envaidecerem certos cavalheiros adhesivos, o dinheiro com que todas ellas concorrem.

Angeja sendo a segunda, senão a primeira freguezia do concelho que mais contribuição paga para o Municipio, não tem até hoje recebido beneficio algum camarario, nem até das miseras migalhas que o articulista destina para as pobres freguezias que o sustentam e aturam. Todos os melhoramentos que Angeja possue, deve-os aos seus habitantes que com um grande acrisolado amor á sua terra natal, estão sempre promptos aos maiores sacrificios!

Sacrificios, sim!

Porque além de concorrerem para os melhoramentos locaes, ainda pagam para os melhoramentos de Albergaria, que todos são feitos á custa do Municipio, pois não consta até hoje que ali se tenha realisado uma subscripção para um melhoramento!... Para quê?... Lá estão as freguezias que tudo dão.. e a quem nada se dá.

Para terminar diremos ainda que o solicito correspondente, citando a doutrina do collega, quer dizer, do sapateiro de Braga, mais uma vez foi infeliz.

Está enganado o homemsinho, aqui não se pretende comer ninguem, não somos antropophagos, podia impunemente atravessar as nossas ruas sem perigo algum para a sua castidade.

O que pedimos é simplesmente parte d'aquella importancia com que concorremos para o Municipio que não é tão pequena; não queremos nada de Albergaria nem das restantes freguezias do concelho, a não ser que não nos reconheçam o direito de pedirmos afinal... o que é nosso.

Um angejense.

Pinheiro, 20

Realisou-se, effectivamente, como estava annunciada, a visita a este logar, do activo presidente da camara d'Albergaria, o sr. dr. Manuel Marques de Lemos. S. ex.ª conseguiu dos srs. Antonio Rezende e Antonio Lopes d'Oliveira, grandes proprietarios d'aqui, a cedencia gratuita d'um terreno para concluir-se a construcção do novo aqueduto em Pardos. Este melhoramento, que é importantissimo, deve-se, em grande parte tambem, ao auxilio de muitos proprietarios que se dispõem a servir o sr. presidente e bem assim a junta d'Alquerubim.

Oxalá que s. ex.ª veja coroados os seus esforços, que bem demonstram a sua boa vontade em attender ás reclamações publicas.

O povo de Pinheiro recebeu s. ex.ª com grande quantidade de foguetes e fogo de dynamite, porque o mau tempo impediu que se realisasse a recepção como estava determinado. Apezar da chuva copiosa que cahia não se deixou de tratar da nova exploração d'aguas, que particularmente, s. ex.ª nos communicou, breve principiará.

Oxalá que d'esta vez sejam mais felizes n'esses trabalhos do que na projectada *mina*, pois d'ahi resulta um grande bem para todos, visto não termos aonde ir abastecer-nos de tão indispensavel liquido.

E' simplesmente triste!

==Por communicação de s. ex.ª soubemos que em S. João de Loure nada ficou assente relativamente á construcção do novo cemiterio.

Trata-se e isso póde dar-se como certo, da ampliação do cemiterio antigo, o que de facto representa a aspiração e o sentir dos habitantes d'aquella importante freguezia. Creio que d'esta vez não ficará só em palavras tal projecto.

==O nosso amigo, o ex.mo sr. administrador do concelho, vae mandar proceder a rigorosas desinfecções nas casas onde se têm dado casos de variola, que continua por aqui grassando. O sr. presidente da camara prometteu tambem auxilial-o n'esse sentido, reconhecendo, como medico, representar isso uma grande e imperiosa necessidade.

C.

Espinho, 14

Por insultos dirigidos á auctoridade, na occasião em que esta o admoestava pelo estado de embriaguez em que se encontrava, foi preso pelas duas horas da manhã do dia 8, o sr. Antonio José Ferreira Borges.

O preso, depois de grande resistencia e de ter agredido dois dos agentes da *guarda civica*, foi conduzido á esquadra policial, onde permaneceu até lhe ser levantado o respectivo auto, sendo depois enviado para a cadeia da comarca.

Este cavalheiro reside aqui ha aproximadamente dois annos, sem que se saiba a sua identidade.

Durante o enterrogatorio cahiu em muitas contradições, dizem.

Aguardemos o resultado.

C.

Bomsuccesso, 14

O povo d'esta freguezia, Aradas, pode assim classificar-se: republicanos, neutros e sebastianistas.

Republicanos—forçoso é confessar-se—somos em numero, o mais pequeno, mas, em toda a prova, o mais valente porque á voz dos seus eleitos são tudo homens decididos a sahir para a rua com armas na mão a defender os seus Ideaes postos em pratica.

Neutros—massa laboriosa de cavalheiros que não creem na utilidade sincera do seu ingresso nas fileiras democraticas, comodistas, que ainda tremem desagradar á rustica e desdenhosa ignorancia, mas que, em eleições, actualmente, ou se abstem ou vota com os republicanos.

Sebastianistas—supersticiosos, fanaticos, beatos, eguistas, usurarios, hypocritas, estupidos—humanidade cahotica, massa incorrigivel amassada por uma fallida monarchia corrupta. E' d'estes, infelizmente, o numero maior, e que constitue a tropa fandanga do sceptico parasita padre Pato.

São estes os nossos figadaes inimigos; só leem livros de missa ou jornaes exclusivamente reaccionarios.

==Existe n'esta nossa freguezia, aqui no centro do Bomsuccesso, um largo muito aprazivel: tem aguas de uma salubridade deleitosa—o Rego das Camas—que podia ser utilisado praticamente como fomento de progresso de esta rustica, mas já grande povoação:—um edificio escolar ao centro (não existe cá escola alguma) com o pavimento ascendente ao nivel das estradas, cercado de arvoredos onde os passarinhos viessem poisar-se gorgiando caprichosamente, ensinando melodias aos alumnos diurnamente primarios e nocturnamente civicos e agriculas.

Será isto meramente um sonho? O que se não falla não se faz. Se não formos reprovados, empregaremos a nossa mingoada influencia cooperadora junto das respectivas commissões Politica e Administrativa, afim de conseguir das suas congeneres superioras uma petição aos poderes competentes.

C.

Pará, 7 de março

Chegou aqui no dia 26 de fevereiro ultimo, a bordo do vapor brazileiro *Minas Geraes*, seguindo para o Rio de Janeiro, o sr. Camello Lampreia, que foi cumprimentado a bordo por uma commissão de monarchistas portuguezes, que se compunha dos srs. visconde de Monte Redondo, commendadores, Joaquim Vidinha e João Jorge Correia, Luiz Figueiredo, Francisco José Dias, Estevam Alves, redactor do *Echo Lusitano*, Manuel Rendeiro, Custodio Victorino d'Oliveira e Adelino Ferreira.

Tambem compareceu uma commissão do *Gremio Litterario Portuguez* composta dos srs. José Candido da Cunha Osorio, José Lopes de Castro, Rufino de Pinho Campos e Evaristo Dias Corrêa Braga.

O sr. Camello Lampreia, conduziu todos os presentes para o salão de visitas do mencionado vapor aonde tiveram animada palestra.

A bordo foi-lhe offerecido pelo sr. Theophilo Barros, um lindo *bouquet* de flôres naturaes.

A' noite s. ex.ª assistiu ao espectaculo no Theatro da Paz, do camarote do sr. Governador, acompanhado de seu filho e do sr. Adelino Ferreira, ex-consul de Portugal n'este Estado.

==No dia 28 de fevereiro, foi aggredido, por duas vezes, na Rua Nova de Sant'Aanna, o sr. Estevam Alves, redacdor do *Echo Lusitano*, devido a ter tomado ultimamente uma attitude indigna perante a actual politica portugueza.

==Pelo sr. Eduardo Fernandes, foi remettido ao sr. Camello Lampreia, quando este sr. aqui esteve, um opusculo do sr. Estevam Alves, intitulado a *Dictadura em Portugal*, assim como alguns exemplares da *Patria Nova* que contem artigos do referido jornalista portuguez.

==Cousou aqui má impressão a descoberta d'uma conspiração monarchica contra o nosso novo regimen, tendo em vista o assassinato dos actuaes ministros republicanos.

Foi no Rio de Janeiro que esse *complot* teve inicio.

==O commercio do Pará preparou, no dia 5 do corrente, uma grande manifestação aos srs. governador do Estado, Lyra Castro e Justiniano de Serpa, representantes paraenses ao Congresso federal.

A reunião teve logar no *Theatro da Paz* desfilando d'ahi, a pé, uma enorme multidão pela estrada de S. Jeronymo até á residencia do ex.mo sr. dr. Lyra Castro, onde lhe foi entregue uma mensagem dos commerciantes, pelo presidente da *Associação Commercial do Pará*, o sr. barão de Souza Lages.

Seguindo depois pela mesma estrada e Avenida Nazareth até á residencia do sr. dr. Justiniano de Serpa, a este foi entregue outra mensagem, indo os manifestantes apoz isso, á residencia do sr. governador do Estado a quem agradeceram o auxilio que o governo de s. ex.ª tem prestado áquella operosa corporação. A manifestação, que se compunha de centenares de pessoas de todas as classes sociaes, sobre tudo de commerciantes, terminou com muitos vivas ao illustre governador Estadoal, sr. dr. Lyra Castro e Justiniano de Serpa.

==A *Folha do Norte*, de hoje, dános a grata noticia de que o sr. governador do Estado recomendou ás auctoridades e mais funccionarios publicos que reconhessem o sr. José Augusto Magalhães, consul de Portugal n'este Estado.

Seja bemvindo.

C.

Ultima hora

O sr. dr. Antonio José d'Almeida que, como se sabe, prometteu vir visitar os republicanos de Aveiro e fazer n'esta cidade uma conferencia, conta chegar aqui ámanhã, sabbado, caso não telegraphe em contrario, hoje de manhã, ao sr. governador civil.

Já estão nomeadas varias commissões para tratarem da recepção ao illustre ministro do Interior.

Annuncios

EDITAL

Carlos Alberto da Cunha Coelho, presidente da Commissão Municipal Administrativa de Aveiro:

Faço saber, em cumprimento das disposições legaes, que dentro do praso de 10 dias a contar do de 30 de Março corrente, inclusivé, se recebem na Secretaria Municipal, devidamente documentados, os requerimentos para inscripção de eleitores no recenseamento eleitoral, a cuja organisação vae proceder-se.

Para constar se passou este e outros de egual theor, que vão ser affixados nos logares do costume e publicados pela imprensa.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 24 de Março de 1911.

O Presidente da Commissão,

Carlos Alberto da Cunha Coelho.

Convite

A Commissão Municipal Administrativa de Aveiro, convida as associações locaes e mais individuos interessados a comparecerem na sua sessão ordinaria de 30 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na sala das sessões municipaes, a fim de se resolver sobre a maneira de dar cumprimento ao decreto do governo da Republica que trata do descanço semanal.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 23 de Março de 1911.

O Presidente da Commissão,

Carlos Alberto da Cunha Coelho.

EDITAL

CALDAS DE S. JORGE

A Commissão Municipal do Concelho da Feira:

Faz publico que, na sessão ordinaria de 8 de março corrente, foi deliberado marcar o dia 5 d'Abril proximo, ás 11 horas da manhã, para termo do concurso aberto para a adjudicação da exploração das aguas mineraes e medicinaes, denominadas—*Caldas de S. Jorge*, em conformidade do annuncio publicado nos numeros 21 e 22 de 26 e 27 de janeiro ultimo do *Diario do Governo* e repetido no *Primeiro de Janeiro*, *Noticias da Feira*, *Democrata* e *Patria.*

Feira, 9 de Março de 1911.

O vice-presidente da commissão,

Antonio Toscano Soares Barbosa Junior.